

5994

pp

**DISSERTAÇÃO**

A' CERCA

**DO ESTADO PATHOLOGICO**

CONSIDERADO EM GERAL

SEGUNDO OS DIVERSOS SYSTEMAS DE MEDICINA.

**THESE**

QUE FOI APRESENTADA A' FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO, E SUSTENTADA  
EM 16 DE DEZEMBRO DE 1843,

POR

*João Picardo Norberto Ferreira,*

FILHO LEGITIMO DE

**RICARDO NORBERTO FERREIRA,**

NATURAL DESTA CÔRTE,

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE,

Socio Fundador da Sociedade de Litteratura Brasileira.



**RIO DE JANEIRO,**

TYP. IMPARCIAL DE FRANCISCO DE PAULA BRITO.

1843.

# FACULDADE DE MEDICINA

DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR

O SR. DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

## Lentes Proprietarios.

Os SNRS. DRS.

1.º ANNO.

*Francisco de Paula Candido*..... Physica Medica.  
*Francisco Freire Allemão*, Examinador. { Botânica Médica, e principios elementares de  
Zoologia.

2.º ANNO.

*J. Kicente Torres Homem*, Examinador. { Chimica Médica, e principios elementares de  
Mineralogia.  
*José Mauricio Nunes Garcia*..... Anatomia geral, e descriptiva.

3.º ANNO.

*José Mauricio Nunes Garcia*..... Anatomia geral, e descriptiva.  
*L. de A. P. da Cunha*..... Physiologia.

4.º ANNO.

*Luiz Francisco Ferreira*..... Pathologia externa.  
*Joaquim José da Sileia*..... Pathologia interna.  
*João José de Carvalho*, Examinador. { Pharmacia, Materia Médica, especialmente a  
Brasileira, Therapeutica, e Arte de formular.

5.º ANNO.

*Candido Borges Monteiro*..... Operações, Anat. topograph, e Apparelhos.  
*Francisco Julio Xavier*..... { Partos, Molestias das mulheres pejudadas e pari-  
das, e de meninos recém-nascidos.

6.º ANNO.

*Thomaz Gomes dos Santos*..... Hygiene, e Historia da Medicina.  
*José Martins da Cruz Jobim*..... Medicina Legal.

2.º ao 4.º *Manoel Feliciano P. de Carvalho*. Clinica externa, e Anat. patholog. respectiva.  
5.º ao 6.º *M. de Valladão Pimentel*, Presid. Clinica interna, e Anat. patholog. respectiva.

## Lentes Substitutos. .

..... } Secção das Sciencias accessorias.  
..... }  
*José Bento da Roza*..... } Secção Médica.  
*Antonio Felix Martins*, Examinador. }  
*Domingos Marinho de Azev.º Americano*. } Secção Cirurgica.  
*Luiz da Cunha Feijó*..... }

## Secretario.

Dr. Luiz Carlos da Fonceca.

Em virtude de huma resolução sua, a Faculdade não approva, nem reprova as opiniões emitidas nas Theses, as quaes devem ser consideradas como proprias de seus autores.

## AOS MEOS INESTIMAVEIS PAIS

OS ILL.<sup>mos</sup> SNRS.

RICARDO NORBERTO FERREIRA,

D. JOAQUINA RITA ALVES FERREIRA.

Hoje, Srs., compulsa vosso filho, nos bancos escolares, a ultima pagina de seus livros !.. e a sociedade em seu seio lhe abre esse lugar honroso tão digno do vossas sympathias !.. Sim, Srs., o jury ante o qual me apresento me veste o dedo d'esse brilhante e respeitavel annel; que tanto adorna, e que tanto honra á cada um de seus dignos membros !.. E quem ? quem mais do que vós se empenhou por este grande acontecimento de minha vida ? !..

Se em minha frente não rutila o diamante d'ingente gloria, á Deos perguntai a causa, que vosso filho não vol-o sabe responder ! Qual fui aquinhoado pela natureza, tal procurei muscular vossos esforços com minha assidua applicação. Eis tanto quanto me cabia.

Um favor, Srs., vos pede vosso filho no dia de seu maior jubilo ! Aceitai-lhe esta pequenina offerta que em sua these vos devolve. A Vós mais do que á ninguém.... sim, Vós não ignoraes, Srs., que minha bocca ensinada por vossas lições, e pelo exemplo de vossa conducta á linguagem pura da verdade jámais ousou, fallando, encrespar meus sentimentos.... E á quem, mais do que á Vós, poderá pertencer o fructo de minhas lucubrações ? ! Aceitai pois, meus presados Pais, esta pequenina offerta, que meu coração entre doces e gratissimas emoções fervoroso Vos dedica !....

J. R. N. FERREIRA.

AO MEU INTIMO AMIGO

O S N R. PATRICIO MONIZ.

.....  
Mas quem são esses dous que ahí sobre a praia  
Tão estreitos se abração? Correm lagrimas!

.....  
Em peitos se reprime o adeos sentido!  
Peitos que o não contêm!

.....  
*Volta com nome tal que tudo vença.....*

Eu viverei de lagrimas.... Embora.

Matar-me-hão saudades.....

*Camões, Poema de Garret.....*

Lá n'essa nova Athenas (1) onde soffrego das lettras procurais ornar vossas subida intelligencia para vos tornardes, um dia, digno do lugar que occupam as cinzas do grande Voltaire, e do immortal Racine, acolhei, meu caro Amigo, mais um suspiro de saudade, que, c'o a pequenina offerta d'esta these, vos dirige o vosso estreito e sincero Norberto!...

AOS MEUS INTIMOS AMIGOS OS SRS.

ANTONIO DA SILVA GRADIM,

MANOEL ANTONIO PEIXOTO DE CARVALHO,

ANTONIO JOSÉ VICTORINO DE BARROS,

SIGNAL DE ESTREITA, E CORDIAL AMIZADE

Do AUTHOR.

(1) Paris.

**AOS MEUS PARENTES,**

TESTEMUNHO DE ESTIMA, CONSIDERAÇÃO, E GRATIDÃO.

AOS ILL.<sup>mos</sup> SRS.

**DR. JOAQUIM MARCOS D'ALMEIDA REGO,**

**ANTONIO JOAQUIM DE SOUZA,**

**ANTONIO ALVES DIAS DA MOTTA,**

**ANTONIO DA COSTA PINTO SOUZA BRANDÃO,**

PROVA DE ESTIMA, CONSIDERAÇÃO, E GRATIDÃO.

AOS DISTINCTOS PROFESSORES DA ESCOLA DE MEDICINA DA CORTE,

ESPECIALMENTE AO MUITO DIGNO PRESIDENTE DESTA THESE

**O ILL.<sup>mo</sup> SR. DR. MANOEL DO VALLADÃO PIMENTEL,**

HOMENAGEM AO SABER; E PEQUENO TESTEMUNHO DE RECONHECIMENTO

Que Tributa

O AUTOR.

## AO LEITOR.

---

Bem quizera furtar minha pequena nullidade á critica do judicioso publico, especialmente do illustrado jury medico ante o qual vou comparecer; mas quem não sabe que imperiosamente exige a lei uma these do candidato, que aspira ao grão de Dr. em medicina? É portanto quasi escusado declararmos que escrevendo a presente dissertação só tivemos em vista cumprir um dever impreterivel. Mas, se a lei nos não concede a faculdade de prescindir de um tal dever, deixa com tudo ao nosso pleno arbitrio a escolha do assumpto. Abusamos por ventura nós de nosso direito? Aos nossos juizes compete exclusivamente a solução d'esta questão. O estado pathologico considerado em geral segundo os diversos systemas de medicina, foi thema que mais lisenjeou nossas sympathias, e que em consequencia escolhemos para o nosso trabalho. Alem d'esta razão, outra por ventura não menos ponderosa presidio tambem a nossa escolha: queremos fallar da utilidade que exerçamos no nosso assumpto. Com effeito ainda que elle não affecte de proximo a pratica medica, parece-nos todavia de utilidade por encerrar em seu seio, segundo nossa opinião, verdade de grande importancia, tanto para o diagnostico, como para a therapeutica. Entretanto os nossos juizes o decidirão. O que desde ja podemos positivamente asseverar é que na senda em que nos lançamos alguns espinhos bem agudos nos encontraram; e como não são de bronze nossas mãos, é provavel que ao affastal-os, para continuarmos nossa marcha, nos ferissemos: por ora, verdade é, não sentimos dôr que tal nos denuncie; mas quantos males não deixam de *logo* succeder á causa que os motiva? Qualquer em summa que seja sua qualidade, é esta a these que ousamos submeter á critica dos nossos juizes. Oxalá mereça ella sua honrosa sanção!

# DISSERTAÇÃO

ACERCA

## DO ESTADO PATHOLOGICO CONSIDERADO EM GERAL SEGUNDO OS DIVERSOS SYSTEMAS MEDICOS.

---

**P**arece-nos incontestavel que nenhum grupo de noções póde entrar na ordem de sciencia, sem exhibir entre diversos titulos, que lhe dêem jus á tão alta cathegoria, a existencia do seu objecto. A multiplicidade de noções, que elle consigo accarrete, um systema de ideias, que lhe sejam peculiares, e de linguagem ou technismo proprio, constituem uma parte assaz necessaria daquelles titulos, das condições, que deve em si reunir a sciencia, que aspira á sua organização. Mas o que seriam todos esses elementos destacados, sem a existencia de um objecto, que houvesse de chamal-os á um centro commum? Que poderiam elles constituir sem um *quid*, á que houvessem de adherir, elles, que não são mais do que elementos geraes de qualquer sciencia? Onde a unidade scientifica? E quem daria á sciencia sua particular physionomia? Na realidade pois da materia ou do objecto da sciencia se encerra a primordial condição de sua organização doctrinaria; é ahi que se resume a sua particular essencia. Isto posto; é evidente, que a medicina é uma sciencia, não obstante a opinião de Argentier (1). Se porem a sciencia do homem enfermo satisfez á principal condição de sua organização, logo que se descobriu na natureza phenomenal o estado pathologico, não nos esclareceu com tudo desde a epocha do seu nascimento acerca da essencia desse estado.

Nós nos limitamos simplesmente a expôr um facto, que (como adiante veremos) se collige da historia da medicina: nem somos tão injusto, que queiramos exigir de uma sciencia, cuja indole é toda observativa, e experimental, que houvesse

(1) Argentier expulsa a medicina da cathegoria de sciencia, por que o seu objecto (diz elle) não é susceptível de rigorosa demonstração.

desde os seus primeiros tempos estabelecido precisamente a essencia do seu objecto. Sabemos que a medicina não é a geometria, nem o estado morbido a linha, ou o triangulo. Se o estado pathologico fosse uma dessas entidades, que só têm existencia na abstracção, seriamos nós o primeiro a exigir que a nossa sciencia sem a consulta dos seculos houvesse de ha muito produzido uma definição exacta do seu objecto.

E', não ha duvida, é penoso para o espirito, que vivamente sympathisa com a sciencia do homem enfermo, ir procural-a em seu berço, ahí consideral-a, e descer com ella até nossos dias, sempre collocado no ponto de vista de que a encaramos. Vê-se com viva dôr que o estado morbido, a pedra fundamental da medicina, a ideia mãe d'esta grande sciencia, se acha coberto de nuvens tão espessas, que quasi inteiramente se furta á analyse, ou antes nos apparece á furto por entre os diversos systemas medicos, vestido immensas vezes das formas de uma mera abstracção, e até hoje incompleto. Em sua indole porem se acha em grande parte a explicação d'esse facto: é tambem sua natureza, que explica a apparição, e o dominio alternativamente exclusivo dos diversos systemas medicos, e das theorias, que formigam em a sua historia.

Nem admira que em alguns d'esses systemas, maximè nos dos tempos primitivos da sciencia, tenha sido considerado o estado morbido um mero ente de razão. Sabe-se da historia da medicina que, ao nascer, foi a nossa sciencia recebida em um berço bafejado pelos antigos philosophos, que na sua infancia se viu cercada de Pithagoras, Empédocle, Acmeon, Heraclito, e Democrito; assim como em tempos posteriores Platão, Aristoteles, Diocles, Praxagoras, e outros ainda a alimentaram com algumas de suas crenças. Ora, é facil de vêr o que poderia resultar da identificação da medicina com a philosophia (1) (maximè a dos antigos) da estreita liga de uma sciencia essencialmente observativa, e experimental, com uma sciencia toda especulativa. Se a convivencia é um dos meios mais efficazes, pelos quaes se transmittem os habitos, comprehende-se bem qual o influxo, que devera estabelecer-se entre as duas sciencias; e se reflectirmos que a medicina era então ainda infante, e como tal mais apta para receber por imitação os habitos da philosophia do que para transmittir-lhe os seus, não duvidaremos de que tal reunião não pudesse ser senão desfavoravel á nossa sciencia. É com effeito o que de sua historia se collige: o ontologismo o mais grosseiro foi a principal mancha, que por mais tempo desfigurou o bello semblante da sciencia do homem enfermo, vicio, que tanto se enraizou nos processos d'investigação medica que ainda hoje de vez em quando lá surge, e lança novos rebentos.

Um leve exame de todos os systemas, e theorias medicas, desde a epocha de Hippocrates até hoje, nos mostrará o que tem sido, e o que actualmente é o es-

(1) Corpo de doutrina.

tado morbido considerado de uma maneira geral. Vamos entrar nesta tarefa procurando sacar de cada um dos systemas a ideia daquelle estado.

DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO A DOCTRINA DE HIPPOCRATES, E GALENO.

Hippocrates foi o primeiro que, attentando para os males, que provinham á sciencia do homem enfermo de sua reunião á philosophia (1); que as especulações transmittidas desta sciencia levavam o medico alem dos limites prescriptos pela observação e experiencia, unicos meios de analyse, que convinham á medicina, tratou de estabelecer o divorcio entre as duas sciencias. E esta separação começou a realizar-se, quando se accendia a guerra do Peloponezo; mil annos depois da quadragésima olympiada. (2) Hippocrates colligio todas as observações legadas á sua epocha pelos seus antecessores, e com ellas organisou o grande corpo de doutrina conhecido sob o nome de medicina; motivo, por que a historia lhe confere o nobre titulo de immortal fundador de nossa sciencia. Fecundando porem Hippocrates com a força de seu genio o pequeno numero de verdades medicas então existentes, e mal discriminadas, não pôde com tudo escapar á influencia, que nessa epocha dominava o espirito humano. Certas crenças vogavam então com immenso *prestigio*: Hippocrates longe de modificar com as suas observações a philosophia, de cujo seio ellas se originavam, submetteu-se pelo contrario ao seu jugo. Aqui nos cumpre reconhecer uma verdade; e é que ninguem se pôde jactar de não render vassalagem á certas opiniões ainda pouco fundadas e á certos preconceitos de sua epocha, verdade esta, que já de sobejo fundada na historia, encontra mais uma prova no immortal fundador da medicina, na cabeça por ventura a mais subida na força de pensar, que trabalhou em favor de nossa sciencia! Seus escriptos provam que, raciocinando sobre os phenomenos do organismo enfermo, elle mais de uma vez annunciou suas suppostas relações com as futeis crenças philosophicas então dominantes. E pudera outra cousa ter acontecido, quando só se conhecia o corpo humano em suas principaes visceras, e no que havia de mais patente em suas funcções? Proclamava então a philosophia a existencia de um principio animador das funcções, inherente ao corpo humano: Hippocrates accitando esse principio, e considerando-o motor de nossos órgãos, teve necessariamente de reputar o estado morbido a sua *perturbação*, e de dar-lhe *por sede todo o organismo*. « *Totus homo a natura morbus est* » diz o fundador da medicina em seu epitome á Damagêto.

(1) He obvio que nos referimos á philosophia corpo doctrinario, muito distincto da medicina; e não á philosophia geral, elemento indispensavel de todas as sciencias.

(2) Na quadragésima olympiada haviam-se associado as duas sciencias.

Vê-se quanto era vaga a ideia do estado morbido. « De balde, diz um sabio « escriptor francez, se procura na doutrina do pae da medicina uma noção clara, e positiva do que constitue *essencialmente* o estado morbido; esta ideia não « nos apparece ali, ou antes ella se nos offerece como uma mera abstracção, « indefinivel, e involta em vagas crenças; e . . . (exclama esse escriptor!), quando a base de qualquer edificio é mal assente, que se deve d'elle esperar? »

Entretanto Hippocrates não prestou poucos serviços ao espirito humano, e á sciencia, estabelecendo uma doutrina ácerca de enfermidades especialmente baseada na diversidade dos seus symptomas. Elle dedicou-se muito particularmente á observação dos phenomenos morbidos, e é sobremaneira notavel pelo zelo, e perspicacia com que observou a sua *marcha*, e terminação; mas em sua opinião as enfermidades eram constituídas de series de phenomenos resultantes da *perturbação do espirito*, e (como consequencia disso) da alteração da materia liquida ou solida; ao passo que o estado particular da materia de nossos orgãos não era observado nos seus respectivos tecidos: é este o ponto em que a medicina d'então differe da actual.

Sendo n'esses tempos os fluidos ainda muito pouco conhecidos em sua natureza, e em seus movimentos, observavam-se tão sómente a quantidade, e a qualidade d'aquelles, que durante a marcha de qualquer enfermidade, eram excretados, e raras vezes sua principal origem era conhecida; não se contava com os tecidos, com o material dos orgãos, que produziam esses humores; algumas vezes consideravam-se elles productos do estado morbido, outras vezes presumia-se sua existencia no corpo como que o constituindo; e desinvolviam esta ideia, dizendo « que aquelle « estado consistia na luta dos orgãos contra os humores, do que resultavam as crises.»

Fica por tanto fóra de duvida á vista do espirito da doutrina hippocratica, que fielmente acabamos de expôr, que o estado morbido não se firma ali sobre uma base certa, posto que seja seu principal elemento a *perturbação do enornon*, ou *fúsis* d'Hippocrates (tal era o nome dado pelo pae da medicina ao animador das funcções do corpo humano). Preconceitos philosophicos, e a falta de dados positivos da anatomia physiologica, e pathologica explicam tão capital omissão.

Para não restar a menor duvida de que outra não é a ideia, que explicita, e implicitamente contém a doutrina d'Hippocrates ácerca do estado morbido, reproduziremos os seguintes textos, *ipsis verbis*, extrahidos d'aquella fonte. « *De « obscurissimis et difficilimis morbis opinio magis quam ars judicat; et si in his « peritix multum imperitix prævaleat.* » (De flat.) — « *Morbi derepente non acci- « dunt hominibus, sed paulatim collectâ materiâ morbificâ subitò se produnt.* (De diætâ, livro 1.º) »

Entre os primeiros successores d'Hippocrates é Galeno o mais notavel. Mais philosopho do que medico, isto é, mais traquejado nas especulações abstractas do que na pratica medica, elle abraçou todas as ideias do pae da medicina, e as

commentou com um cuidado servil. Galeno, adherio tambem ao dogma da união do espirito com a materia, e considerando o estado morbido com relação á aquella crença, não pôde deixar de admittir a ideia, que o pae da medicina lhe legára ácerca d'aquelle estado. Entretanto não se limitou só á isso o medico de Pergamo; elle foi mais longe: observou que os diversos aspectos offercidos pelas diversas constituições individuaes eram capazes de imprimir ás enfermidades continuas modificações, e acreditando que o *quente*, o *frio*, o *secco*, e o *humido*, quando predominavam no organismo, deveram necessariamente influir, e de uma maneira particular sobre o estado em questão, introduzio na medicina a ideia de que os individuos sanguineos eram dispostos ás molestias inflammatorias, os lymphaticos á pituita, os biliosos ao fluxo de bilis, e os melancolicos ou atrabiliarios á outro humor, que elle não caracteriza.

Vê-se pois que o medico de Pergamo não se dedignou tambem da observação; que trabalhou sobre factos, mas em seu desinvolvimento seguiu ás cegas a rotina indigitada pela philosophia d'então, deduzindo d'elles o que n'elles se não continha, e dando á essas deducções maior valor do que ellas tinham, vicio, que caracteriza principalmente sua doutrina; mas foi sem duvida o primeiro, que começou á referir o estado morbido de uma maneira mais intima, do que o havia feito Hippocrates, ao material dos nossos órgãos.

Não fecharemos este exame sem observar que, bem ou mal fundadas, as ideias d'Hippocrates, e de Galeno ácerca do estado morbido prestaram grande apoio ás crenças medicas por immenso tempo, e se acham mescladas em maior ou menor dóse com todos os systemas conhecidos em nossa sciencia.

#### DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO O HUMORISMO, E A MECANICA.

Classificando os temperamentos, segundo o aspecto offercido pelas diversas constituições, Galeno havia ampliado as bases do humorismo já creado por Hippocrates; mas então os humores eram ainda considerados de uma maneira muito vaga, seu character, como elemento do estado morbido, ainda não estava particularmente determinado. Não se encontra com effeito na doutrina hippocrático-galenica a precisa origem de *todos* os humores, que as crises devem expulsar do organismo. É á Boerhaave que se devem alguns detalhes ácerca do papel importante, que representam os humores no estado morbido: segundo elle, os humores são preparados pelas enfermidades, e depositos n'este, ou n'aquelle orgão conforme a direcção, que lhes imprimem as causas morbificas. Ora, considerando-se os humores em separado dos órgãos, que os produziã, apreciadas em si mesmas as secreções, e sobretudo as materias excretadas, sem se attender ao estado material dos órgãos, o que vinha a ser o estado morbido segundo o humorismo? Uma modificação, que não existia nos humores, pois que estes eram já o seu resultado; que não existia nos solidos, pois que estes não

eram contemplados, ou antes sua alteração não era conhecida. E não se encontrando por este systema o estado morbido, nem nos solidos, nem nos humores do organismo, onde existiria elle? Sem duvida na imaginação de Boerhaave!! Apenas para dar solidez á doutrina humoral metteo Boerhaave em linha de conta a turgencia das visceras em que se passava a fluxão; e explicava as enfermidades pelas leis da mecnica. As enfermidades eram constituidas de congestões humorosas, que obstruiam as visceras (consideradas *in toto*) e embaraçavam o exercicio de suas funcções.

Não restando pois duvida de que o estado morbido, segundo esta doutrina, não passa de uma entidade abstracta; deixemol-a apparecendo de relance, e confusa por entre os humores, e o embaraço mecanico, que tolhe os orgãos em suas funcções, sem que estes se alterem na sua materia, e lancemos um rapido olhar pela sua therapeutica. Provocar a evacuação dos humores para desobstruir os orgãos, desembaraçando-os do obstaculo mecanico, que se oppunha ao livre exercicio de suas funcções, era o principio cardeal da therapeutica de Boerhaave!.. felizes, tres, e quatro vezes felizes, os medicos *stercorarios* d'esses tempos!.. felizes os authores das pilulas vegetaes se tivessem vindo ao mundo na epocha do grande Boerhaave! e vós oh! celeberrimo Le Roy! quanto não terieis então lucrado com vossas botelhas!? Entretanto uma só palavra se não encontra ácerca da acção d'esses meios evacuantes sobre os tecidos; e só por onde os humores tendessem naturalmente á sahir, para ahi deverão sobretudo ser elles dirigidos, segundo o aphorismo. « *Quò natura vergit, eò ducendum.* » Tanto vago, tanta abstracção, não fez senão confundir as idéas legadas sobre este ponto pela doutrina hippocrato-galenica, e embaraçar o conhecimento da legitima influencia, que deverão sobre o estado morbido exercer os humores viciados por agentes exteriores, ou mesmo mal preparados pelo organismo enfermo; ideia esta, que foi depois desinvolvida por melhores observadores, entre os quaes se conta Forget, que formulou uma serie de observações, e raciocinios pelos quaes estabeleceo com toda a evidencia o humorismo racional.

#### DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO O ANIMISMO.

Não é de hoje (como já acabamos de ver, e é geralmente sabido), que data no seio da philosophia a ideia da existencia de um principio animador da materia. Coevo d'aquella sciencia, ou mesmo preexistindo (1) á epocha de sua organização doctrinaria, esse principio, unico em todas as crenças, e só diversamente baptisado, data de remota antiguidade, e sob o nome de *alma* sempre se lhe concedeo uma extraordinaria importancia nos phenomenos da vida.

Esta ideia, emprestada pela philosophia á sciencia do homem enfermo, já existia

(1) Não parece bem liquido este ponto da historia da philosophia.

pois (como vimos) na doutrina Hippocratica; mesclada porem com outras muitas de igual valor, e não mais reputada do que ellas. Foi depois de Paracelso, que já meditava alguma cousa sobre ella, que Van-Helmont tirou-a d'entre as outras noções, e a elevou à cathogoria de ideia capital d'um systema, que foi denominado o animismo, ou vitalismo. Van-Helmont deo por sêde à aquelle principio o centro diaphragmatico, e ahí fêl-o presidir sob o nome de *Archêo* aos phenomenos organicos durante a vida. Seu *Archêo* passava mais ou menos calmo, conforme as circumstancias em que o homem vivia favoreciam o seu socego, ou tendiam à perturbal-o. Esta opinião, como é bem de ver, em nada adiantou os conhecimentos medicos. O estado morbido conservava o mesmo character, e a therapeutica as mesmas feições, que trouxeram do tempo d'Hippocrates. Algum tempo depois de Van-Helmont appareceu Sthal, e ampliou a sua idéa submettendo-a à influencia das crenças philosophicas concernentes ao dogma da alma, dogma, que lhe fôra legado pela doutrina de Platão, d'Aristoteles e d'outros philosophos da antiguidade: elle introduzio nas sciencias medicas a alma d'estes especuladores, e enxergou n'ella para com os phenomenos vitaes uma influencia tão variada, quanto a que os Gregos lhe attribuiam sobre a moral. Segundo Sthal a alma regula todas as funcções da economia humana, luta contra as causas morbificas dirigindo as forças do corpo para onde os movimentos de perturbação se manifestam, substitue com intelligencia a acção de um órgão são á do que soffre, e, assim harmonisando as funcções, conserva a vida. Confiando demasiado nos plenos poderes, que enxergava na alma, era natural que o systema do animismo, denominado por alguns escriptores supersticioso e refinadamente ontologico, pouco confiasse na therapeutica. E com effeito na especiação se pôde dizer, que consistia o medicamento especifico d'esta doutrina: ella foi prodiga em aconselhal-a, e n'isto Sthal se extrema sobremodo d'Hippocrates, que a adoptava com muita reserva, e em certos casos para elle assaz caracterizados.

Com taes opiniões introduzidas por Sthal em medicina, pareceo decifrado o enigma dos phenomenos da materia organizada no homem; entretanto não se enxergava que a crença de um regulador espirital escusava a observação da materia em movimento, observação aliás d'onde quasi exclusivamente tinha de emanar aquelle conhecimento, e que a idéia do estado morbido assim espiritualisada devêra forçosamente perder-se no vago!!! É sem duvida este o facto o mais positivo da historia: segundo o animismo, não passa o estado morbido de uma noção abstracta bem e unicamente digna de ser classificada ao lado das noções de vida, força, bem, mal, bello, &c., &c.

#### DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO A STHENIA, E A ASTHENIA.

Seriam bem infelizes as sciencias se durante sua marcha, em que mais ou menos são embaraçadas pelos obices, que lhe antepõem systemas dominantes, ás vezes despidos de toda a verdade, e sempre apoiados na credulidade de sua epocha, seriam sobre

môdo infelizes se de quando em quando não apparecessem em sua scena certos homens possuindo entre outros quesitos a eminente qualidade de certa independencia de raciocinio... Themison é indigitado pela historia como um desses homens, e a medicina não lhe deve pouco. Era, na epocha em que Themison appareceu na scena scientifica, habito geral considerar-se as enfermidades de uma maneira extremamente generica; Themison porem descendo de uma synthese tão inconveniente á sciencia, e á humanidade, e baixando os olhos sobre o organismo enfermo observou que certas particularidades existiam em todas as affecções. Sem considerar, é verdade, o material de nossos orgãos da maneira por que o tem feito a anatomia phisiologica e a pathologica vio entretanto que o estado morbido offerecia alguma cousa de mais particular do que o que se achava estabelecido, quer na crença da *perturbação do enormon*, quer pelo *humorismo*, e *mecanica* de Boerhaave, quer finalmente pelo *animismo*. *Laxum, vel strictum* foram os dous estados particulares, as duas principaes condições do estado morbido. Esta ideia, que evidentemente appareceu como uma nova interpretação d'aquelle estado, depois de ter sido estudada por Cullen, ferio a attenção de Brown, que traduzindo o *strictum*, e o *laxum* por *sthenia*, e *asthenia* não vio em todas as enfermidades senão excesso de força ou de fraqueza. Ora, é evidente que acceitos, como facto susceptivel de ser observado, os estados de *sthenia*, ou de *asthenia*, tinha-se ao menos do estado morbido uma noção algum tanto positiva ainda que imperfeita, offerecia-se-nos nesta noção um modo sensível dos tecidos; entretanto que as palavras força, e fraqueza offerecidas para substituição não, exprimiam á nossa intelligencia senão uma comparação feita por ella mesma entre o estado actual da actividade de uma ou de mais funcções, e o seu estado anterior. Substituida assim uma maneira de encarar o estado morbido, em a qual se contava algum tanto com a materia de nossos orgãos por uma noção puramente methaphysica, por um modo sem substancia, é facil de ver o apoio que poderia encontrar nesta doutrina a therapeutica, e qual por tanto devera ser então a sua essencia. Como ápezar da admissão da *sthenia*, e *asthenia* quasi sempre as enfermidades consistiam segundo esta doutrina na *asthenia*, e muito raras vezes na *sthenia*; a therapeutica não admittio nos agentes medicamentosos senão a virtude tonica ou fortificante. E de observar aqui a incoherencia, que se evidencia entre a ideia que esta doutrina fazia do estado morbido, e a therapeutica; pois que, consistindo aquelle estado em dous modos distinctos, mesmo oppostos, fraqueza, e força, não admitte com tudo sua materia medica nos agentes therapeuticos mais do que a virtude tonica. (1)

As ideias de Brown acerca do estado morbido apezar de tão arbitrarias quanto se vê, e quanto se poderia colligir ainda de outras considerações que omittimos, porque não

(1) Nesta doutrina se acham as raizes do Risorismo ou da medicina contra-stimulante de que não tratamos, porque esse systema é todo therapeutico; e baseado nos mesmos principios nosologicos d'este.

è nossa particular tarefa a critica miuda dos systemas medicos, foram com tudo abraçadas com enthusiasmo pelos seus contemporaneos; e ainda na epocha de Broussais não havia cahido de todo a mascara, que encobria o vago de sua essencia. Sua apparente simplicidade parece ter sido a causa que produzio tão admiravel effeito! Ultimamente porem depois que a medicina em frente da organização humana, collocada mais proxima á observação, e á experiencia, rasgou as paginas do ontologico evangelho, que recebera das mãos d'Aristoteles quando assentada em sua cadeira, e pelo qual se regulara desde os seus tempos primitivos; quando do cadaver humano reputado até aquelle tempo, mais ou menos, um fôco de trevas por ja nelle não existir essa centelha exagerada sem razão pelos antigos, e cuja luz tanto se esforça o materialismo moderno (1) por apagar; quando d'esse cadaver lhe partiram luzes começaram a cahir as arbitrarías idéas de Brown: e com quanto ainda hoje appareça algum Brownismo, é com tudo tão fraco, tão marasmatico, que merece antes a compaixão que se deve ao agonisante, do que a indignação que excita o máo interprete da natureza.

Existe com effeito, ninguem o duvida, no estado normal de nosso organismo um sentimento, que nos inculca ser livre, facil, e energico o exercicio de nossas funcções, sentimento, a que se tem dado o nome de força; no estado morbido pelo contrario quem não sente uma modificação em si inteiramente opposta á aquella? e eis a expressão do embaraço com que taes phenomenos se passam. Mas consistirá o estado morbido em taes modificações? A philosophia não nos ensina á crer em modos de modos, mas em modos de substancia... E o que de real nos mostra a sciencia da organização humana? Órgãos, e funcções. Aqui nos cumpre observar que abraçando nós a idéa capital do *organicismo*, representado por Mr. Rostan, não podemos comtudo ceder de uma de nossas mais caras convicções. Assim pois, tendo repetido fielmente o que nos ensina o nosso respeitavel mestre, de existente no homem, accrescentaremos... e um principio, o principio de nossa intelligencia tao positivo em nossa opinião quanto é a materia, e mais do que ella admiravel em seus phenomenos... Prosigamos porem no que diziamos: a philosophia não nos ensina á crer em modos de modos, e sim em modos de substancia, e a sciencia da organização humana não nos mostra, á nós medicos, senão órgãos e funcções, não sendo estas mais do que maneiras de existir d'aquelles. Se pois dos órgãos desliga Brown a *asthenia* e a *sthenia*, ideia essencial segundo elle do estado morbido, onde existirá esse estado? Evidentemente em a sua imaginação! Logo o estado morbido, não passa neste systema, como pouco mais ou menos nos outros, de uma entidade arbitrariamente creada por Brown! E onde, segundo este systema, collocariamos nós um kisto, um canero e outras muitas molestias denominadas organicas? Elle portanto não nos dá per si só uma ideia cabal do estado pathologico.

(1) Duas correntes hoje se embatem: dous rios caudalosos lutam; de uma parte a philosophia materialista de 1760, e da outra a philosophia moral e espiritualista, que por muito tempo vencida procura reconquistar seu lugar.

## DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO O NOSOLOGISMO.

Imitando o systema dos naturalistas os medicos dispozeram as enfermidades, que conheciam, em classes divididas em ordens, sub-ordens, generos e especies; e faziam consistir as enfermidades em grupos de symptomas, que representavam mais ou menos completamente as desordens funcionaes, sem contudo contar com a alteração material dos tecidos de nossa economia, e com a dos nossos fluidos. Se, segundo esta maneira de considerar-se as enfermidades, já não era o estado morbido tão arbitrario; faltava contudo para completar a ideia de sua essencia, para bem caracterisal-o um elemento, que só se poderia encontrar em um terreno pelos antigos não cultivado (1), a observação dos nossos tecidos e órgãos durante a vida, e depois da morte.

Collige-se na verdade do menor exame levado sobre as nosologias mais notaveis, quer as que se conhecem na historia sob o nome de nosographias, quer as que se denominam pyretologias (differença que pouco importa ao nosso ponto de vista) que o estado material dos nossos tecidos, ou de nossos órgãos, esse elemento *necessario* do estado morbido, não foi por este systema considerado como devera, ao passo que nas diversas nosologias se espelham ainda os preconceitos, que ácerca da philosophia d'aquelle estado vogavam na epocha em que ellas foram escriptas. Quereis do que levamos dito uma prova assaz concludente? Vêde-a nas febres, nas cachexias, nas diathoses, humores, &c., &c., meras abstracções, fructos da trabalhosa inducção dos systematicos. Sejamos porem justo... Não indicam tambem ellas os esforços que fizeram seus authores para ligar ao estado morbido uma ideia racional, e consequentemente intelligivel?... Se a base do nosologismo fosse a observação exacta da nossa organização teria cabido á este systema a summa gloria de haver decifrado grande parte da ideia do estado morbido, esse estado houvera figurado como a primeira noção em todos os quadros nosologicos. Mas, quando se leva um serio exame sobre Sauvages, sobre Selle, e mesmo sobre o celebre Pinel, conhece-se que por entre as harmoniosas descrições de enfermidades representadas somente por symptomas o espirito é sempre obrigado, joga sempre com a indeclinavel necessidade de figurar-se *ad libitum* a ideia primordial do estado morbido, quando analysa as palavras, febres, e inflammacção; e que na deficiencia de dados positivos em que possa basear uma theoria cabal d'aquelle estado, elle *concebe* alguma ideia ás vezes assaz extrayagante. Nem é mister, pensamol-o, muita perspicacia para reconhecer-se na historia do nosologismo taes verdades, quando ahí se busca conhecer-se d'aquelle estado. Julgamos pois affirmar uma verdade intuitiva, quando asseveramos que se não encontra nas classificações nosologicas senão descrições de lesões funcionaes, e não a ideia

(1) A anatomia physiologica, e a pathologica.

primordial do que constitue a essencialidade pathologica. E se este estado, unico objecto da sciencia do homem enfermo, é ainda n'esta epocha, e foi até aqui ignorado em sua essencia, deve admirar que a medicina tenha tido a reputação de uma sciencia puramente conjectural, posto que apoiada em um numero immenso e sempre crescente de observações? Deve admirar que até fosse expulsa da cathegoria de sciencia? (1) Entretanto no ultimo seculo homens de genio fizeram grandes esforços para referirem a noção do estado pathologico á alteração da materia, e Bichat levou longe nos tecidos o archote da physiologia; e posto que todas as suas bellas considerações não fizeram senão substituir as crenças baseadas em meras abstracções por uma duvida necessaria, comtudo foi em seu tempo que se começou a enxergar mais positivamente a natural intima relação existente entre as enfermidades e os tecidos de nossos órgãos. Dizemos que Bichat nada mais fez do que substituir a maneira toda abstracta de considerar o estado morbido por uma duvida necessaria.... Que-reis vos convencer desta asserção? Descei á organização enferma com a nosographia philosophica na mão, e levai em outra mão a anatomia geral do illustre Bichat; lançai alternativamente um olhar analytic, ora sobre a natureza enferma, ora em nossos livros, e dizei-nos ingenuamente o que é o estado morbido? O philosopho nosographo vos obrigará sem duvida á responder-nos, que é um *desarranjo* no exercicio de uma ou de mais funções, e desenvolvendo esta ideia com Bichat julgareis completal-a, considerando e ligando-lhe a ideia das transições differenciaes da alteração, que a materia offerece durante qualquer enfermidade. Mas, em boa logica, tem esta ideia o cunho da perfeição? Representa ella ao nosso espirito a verdade no seu todo? Ninguem ousará affirmal-o á vista do que hemos dito e do estado actual dos conhecimentos medicos. Para encher as lacunas, as noções imperfeitas deste systema, appareceu no ultimo seculo Broussais. Vejamos como este author *concebe*, vê, ou explica o estado morbido.

#### DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO A DOCTRINA PHYSIOLOGICA.

Pulsando com todo o rigor do raciocinio o mais severo uma per uma todas as doutrinas medicas conhecidas em sua epocha apparece na arena das nossas discussões a intelligencia por ventura a mais forte na dialectica, que se tenha dado ao estudo da Medicina. Empunha a sua dextra a valente clava da critica com que abate os antigos systemas, as vãs theorias, e em sua mão esquerda se divisa o novo codigo pelo qual d'então por diante se devera regular a sciencia do homem enfermo. Se porem o genio da critica immortalizou para sempre o celebre Broussais concedendo-lhe o triumpho mais cabal, o genio da invenção (nós breve o veremos) não animou certamente do celebre medico o pensamento, de que brotou a doutrina physiologica.

(1) Vide na pag. 1.ª desta these a opinião de Argenteir.

Observador laborioso e instruído, repleto do septicismo que caracterisava o espirito de sua epocha, o celebre author d'aquella doutrina marcou seus primeiros passos na investigação do estado morbido com o sello da incerteza. A anatomia geral applicada á physiologia pelo celebre Bichat devera necessariamente, segundo a expressão deste respeitavel author refluir sobre a pathologia.... Mas era necessario algum tempo mais do que o que lhe concedeo a natureza para que elle pudesse manifestar todas as suas concepções.... Não é de mister muita força de sensibilidade, nem muito bem saber-se apreciar o interesse scientifico para conhecer-se quanto é lamentavel a perda de um homem da tempera de Bichat em uma epocha tal, qual a que o vio florescer!!.. Foi certamente a morte do grande Bichat uma calamidade para a nossa sciencia!... Entretanto no fio do seu escalpello, e sobre a mesa em que descortinava os segredos do nosso organismo, ahi mesmo encontra prematuramente o grande homem o termo de seus dias!... Um successo d'esta ordem (que não poucos analogos encontra na historia de todas as sciencias, e de todas as artes) bastara talvez para o desanimo de outros genios tão interessantes á humanidade, se a historia para transmittil-os á posteridade não escolhesse de suas paginas as mais radiantes, e lhes não tributasse a devida apothéose!.. Sim! é o escalpello, que cortou o fio de dias tão interessantes á Medicina, o mesmo que n'essas paginas abre a perpetua memoria das colossaes conquistas com que o grande homem enriqueceo a sua sciencia!! Se no estreito ambito de um solitario amphitheatro anatomico depara Bichat com a morte; na historia, n'esse padrão de honrosa, e perduravel publicidade, encontra a devida immortalidade!! Voltemos porem ao fio de nossa exposição.

Haviamos dito que a anatomia geral applicada á physiologia por Bichat devera necessariamente, segundo uma expressão d'este author, refluir sobre a pathologia. E o que poderia esta sciencia só com o apoio da physiologia, e sem o luminoso fanal da anatomia? Onde, senão n'esta sciencia, o conhecimento de um dos mais importantes elementos do estado morbido? Onde existiria a enfermidade sem órgãos? E onde o conhecimento d'estes senão na anatomia? Vejamos porem o que faz Broussais. Este author acreditando haver sufficientemente observado o homem enfermo para comprehender o *mecanismo* do estado morbido passa á examinar primeiramente o estado dos tecidos organicos, e de suas funções durante a saúde, busca depois apreciar as modificações imprimidas nos tecidos, e funções pelos agentes que sobre elles actuam, e reconhece finalmente com seus mestres, que um certo numero de *propriedades vitaes* contribue ou preside á vida, e que a enfermidade resulta da perturbação de taes propriedades. Analysando-as menciona *sobre tudo* a irritabilidade, propriedade, segundo elle, pela qual os tecidos se movem em virtude do contacto de qualquer corpo, e a denomina contractilidade. Adiante faremos ver o papel que, segundo elle, representa esta propriedade vital. A sensibilidade, que figura como principal dos phenomenos vitaes nos physiologistas, é segundo Broussais a mesma irritabilidade. Por norte de suas primeiras observações o celebre reformador da Medicina deparava

apenas com as noções physiologicas de seus predecessores, e contemporaneos; como o prova o enunciado de sua fê medica reduzido à sua mais simples expressão nas proposições com que elle abre o exame das doutrinas medicas. Assim se exprime elle na proposição 67. « A saúde suppõe o exercicio regular das funcções; a enfermidade resulta da sua irregularidade; a morte de sua cessação. »

Por ora pois o estado morbido não consiste senão na *irregularidade das funcções*. Ora isto, já faz crer que o valente pulverizador dos systemas antigos, o grande medico critico, fazia do estado morbido (quando isto escrevia) uma ideia assaz imperfeita, sobremaneira indigna d'elle, mais estreita mesmo do que a dos systematicos que por elle n'esse mesmo livro foram completamente derrotados. Como commento d'aquella proposição, pretendendo tornar menos obscura a ideia do estado morbido, estabelece elle na proposição seguinte que « as funcções são irregulares, quando uma ou muitas d'entre ellas se executam com muita, ou muito pouca energia » do que é litteral traducção que o estado morbido consiste no augmento, ou diminuição da energia das funcções; ideia esta, que equivalera à celebre ideia do *laxum vel strictum*, reproduzida de uma maneira muito vaga, se a proposição 72 não estabelecesse que « não ha nem exaltação, nem diminuição geraes, e uniformes da vitalidade dos orgãos », a 73 que « a exaltação começa sempre por um systema organico e se comunica á outros, quer no mesmo apparelho, quer em outro », e enfim se a 74 não assegurasse que « a natureza da exaltação communicada é a mesma, que a da exaltação primitiva ». Se n'estas tres ultimas proposições é evidente que Broussais se eleva acima de seus antecessores, se a ultima d'ellas parece mesmo uma ideia nova, exclusiva de sua intelligencia, não é menos claro que se abaixa, e recahe no Brownismo, quando ás proposições precedentes acrescenta que « é o augmento dos phenomenos, que attesta o estado de vida ». Assim pois, segundo o espirito d'estas proposições, ser doente é apresentar os phenomenos vitaes em um grão super, ou sub normal, o que equivale á *sthenia*, ou *asthenia* de Brown; mas segundo a proposição 75 « a exaltação de um ou de muitos systemas organicos, de um ou de mais apparelhos sempre determina o languôr em algum outro systema, ou apparelho; e vice-versa ». Segundo a proposição 76 « a diminuição da vitalidade de um systema, ou apparelho produz muitas vezes a exaltação de um ou de muitos outros, e algumas vezes a sua diminuição »: de sorte que a enfermidade, que não existe constantemente, nem na exaltação, nem na diminuição dos phenomenos vitaes considerada em um ou muitos apparelhos existe... não se sabe onde n'estas proposições!!!. Onde buscaremos pois o conhecimento do estado morbido, se os livros do grande Broussais não nol-o ensinam, não nol-o mostram?!

Entretanto as proposições 78, 79, 80, 81, 82, e 83 affirmam « que, onde ha super-excitação, ha tambem affluxo de fluidos », o que recordaria simplesmente o aphorismo « ubi stimulus, ibi fluxus, se o author não acrescentasse « que ha tambem nutrição irregular, e desorganisação, e que este estado morbido pôde ser designado pelo

vocabulo—irritação—subentendendo-se a qualidade—morbida» Esta é a maneira de proceder no exame do estado morbido segundo Broussais, e é ella que merece o titulo de methodo physiologico, por isso» diz elle «que se basea na observação dos phenomenos vitaes». Sim... mas revela-nos esta observação a ideia do estado morbido em sua natural perfeição como o entende, e o afirma seu author?! Tudo quanto elle escreveu ácerca do estado em questão não é sufficiente para apoiar uma affirmativa, pois que em suas asserções não se vê senão aquillo que foi ensinado, e acreditado pelo fundador da Medicina, e os seus successores.

Esta parece ser a occasião de demonstrarmos que a doutrina que examinamos, qualquer que seja o nome que se lhe dê e a maneira por que se considere, nem implicita, nem explicitamente, encerra a ideia completa do estado morbido; não queremos com tudo dizer que ella nenhum valor offereça, que não seja mesmo superior ás que a precederam.

Depois de haver professado, como dissemos, por algum tempo a indecisão ou o scepticismo physiologico ácerca do que devera entender por estado morbido, Broussais resumio suas crenças sob a palavra—irritação—subentendendo o epitheto—morbida—, e considerou este phenomeno como o prototypo de quasi todas as enfermidades, e, como a ideia de irritação existia de uma maneira assaz vaga entre as ideias fundamentaes da doutrina que elle concebera, destinou um tratado *ad hoc* para a explicação d'este phenomeno. Ora, pois que a ideia de irritação no systema, que examinamos, representa a do estado morbido, devera bastar a analyse do capitulo em que Broussais trata especialmente d'este phenomeno para que d'elle obtivessemos um conhecimento cabal; desgraçadamente porem esse capitulo é sobremaneira vago. Entretanto é de mister que analysemos as suas principaes proposições, aquellas em que o author mais se refere ao estado em questão.

Segundo Broussais «a palavra irritação exprime ao medico a acção dos irritantes, ou o estado das partes vivas irritadas». Ora, conhecemos por ventura nós o estado das partes *vivas*? E comprehendemos *como* ellas vivem? E suppondo mesmo que conhecemos aquelle mysterio, e comprehendemos tambem o segundo, póde a palavra irritação representar á nossa intelligencia a acção dos irritantes? Segundo os textos da doutrina de Broussais, que acima referimos, conheciamos a irritação, por isso que ella apparecia-nos ali como a expressão do affluxo dos fluidos ou do augmento de sensibilidade, phenomenos, que succedem á acção dos irritantes, ao menos em certos casos; e concebiamos por que serie de phenomenos vitaes os irritantes produziam a irritação morbida: entretanto agora a definição da palavra nos rouba inteiramente a ideia, que devera, e começava a gravar em o nosso espirito.

Na segunda asserção chamam-se irritantes «os modificadores, que exaltam a irritabilidade, ou a sensibilidade, levando *estes phenomenos* á maior gráo d'intensidade». Aqui se vê claramente que Broussais encara a irritabilidade, e a sen-

sibilidade como dous phenomenos distinctos, que se succedem; posto que os tivesse considerado em outros lugares como um só. Ora, é no que se cifra tudo quanto se refere segundo esta doutrina ao estado morbido, e entretanto é ali mesmo que se não encontra absolutamente a ideia desse estado!.. e nem mesmo a de irritação!.. pois que para ella involucrer esta ideia seria necessario que tocasse na ideia de congestão; e quando mesmo a proposição se referisse á congestão não nos daria sem duvida com isso senão a ideia de um phenomeno morbido, que, como se sabe, pôde ser qualquer symptoma, e jamais nos daria a da essencia do estado morbido. Para obter-se cabalmente a ideia d'esse estado, seria indispensavel averiguar as modificações, que a congestão imprimisse na sensibilidade, assim como o obstaculo que ella oppuzesse á qualquer função; o que equivalera formalmente ao aphorismo de Hippocrates: «*ubi sanguis morbum procreat dolorem inducit etc.*». E então não se poderia admittir senão molestias de um só genero, que seriam aquellas em que se realisasse a *condição da congestão inflammatoria*. Quantas enfermidades deixariam assim de ser consideradas taes? Ora, como todo o estado morbido não nos offerece uma congestão apreciavel (inflammatoria), segue-se que a palavra irritação, mesmo tomada na accepção que lhe dá Broussais, não pôde per si só involucrer a ideia completa do estado morbido, e por consequencia não nol-a pode dar. Demais a palavra irritação não indica de maneira alguma as qualidades dos materiaes da congestão; se bem que a proposição 104 afirma que «*os focos phlegmaticos alteram os fluidos*». Se esta alteração dos fluidos é real (Broussais admitte esta ideia na proposição 114, e a combate em muitos outros lugares, sobre tudo no seu tratado ácerca da irritação, e da demencia pag. 281) não deve ella entrar em linha de conta como um dos elementos, que constituem o estado pathologico? Tambem devem na *mesma ordem* entrar as *sympathias inevitaveis*, segundo o author, em qualquer enfermidade; sympathias, que frequentemente modificam o verdadeiro character de qualquer enfermidade, como o prova a observação. Dada, por exemplo, uma phlegmasia gastrica, nenhum medico ignora que o aspecto do doente offerece tantas e tão diversas modificações, quanto por consenso, mais ou menos, se sentem d'aquella enfermidade os pulmões, o cerebro, e os rins. Ainda mais, para o observador attento toda a enfermidade offerece quasi *constantemente* caracteres dependentes da causa, que a tenha produzido; posto que tendo por sêde um mesmo órgão, e occupando os mesmos tecidos. As differenças das lesões manifestadas pelos symptomas variam, e a experiencia formalmente prova que o mesmo tratamento não convem á todos os casos. Ora isto que dizemos ácerca de uma enfermidade do estomago, e d'esta viscera se pôde applicar, *mutatis mutandis*, ás outras enfermidades, e aos outros órgãos. Pouco importa á explicação do estado morbido a causa, que o tenha produzido; este estado é sempre complexo, isto é, comprehende sempre a alteração da materia de nossos órgãos, e conjunctamente a dos fluidos; do que se segue que não se poderá prescindir do auxilio de noções de physica, e de chimica, quando se queira

cabalmente comprehender a sua essencia. A este respeito, Broussais no 8.º capitulo da irritação demonstrou com toda a evidencia como da subtracção dos modificadores os mais ordinarios da excitabilidade resulta o estado morbido; mas a sua demonstração prova principalmente: primò, que as enfermidades *irritativas* taes como elle as concebe são menos frequentes do que diz elle mesmo; secundò, que a irritação é incapaz de nos dar uma ideia cabal do estado pathologico em geral, por isso que o estado *irritativo* não existe em todos os casos, e ordinariamente não é senão secundario. O que nós asseveramos não é gratuito: no livro da irritação, na terceira secção do capitulo supra citado do mesmo Broussais, se acham as solidas razões em que se basea cabalmente o que dizemos. Eil-as: reconhece Broussais que « as molestias não podem differir senão — *pela natureza do agente provocador* » — declaração que evidentemente depõe em favor da opinião, que havemos até aqui sustentado. Segundo o author a infecção de nossos humores durante a vida seria *huma chimera*; essa infecção não seria morbida senão quando se complicasse com uma irritação. Logo, não é evidente que o estado de irritação não passa de um estado secundario, não é senão symptomatico? Para completar a sua theoria ácerca da irritação morbida, Broussais tratou extensamente « das mudanças que se effectuam nos orgãos por influencia da irritação », e o que á este respeito escreveo não passa de um extenso paralogismo á olhos vistos contraditorio com o que elle julga haver demonstrado, e sobre tudo com o que diz ácerca da irritação. Decomponhamos algumas das primeiras asserções da secção ácima citada. E' Broussais quem falla: « os tecidos, diz elle, irritados começam por se mover com mais precipitação do que no estado normal; chamam os fluidos em razão das affinidades, que existem entre as moleculas dos solidos, e as dos fluidos; affinidades, que augmentam com a intensidade da vida: estabelece-se então o que chamamos *erecções vitaes morbidas*; *erecções*, que produzem mudanças na maneira de ser de nossos tecidos: a primeira, e principal consiste no estado inflammatorio.»

Eis a ideia mãe da doutrina de Broussais ácerca do estado morbido, exposta, como se vê, por elle mesmo, e da maneira a mais cathgorica!

Vejam se o que elle diz é verdade. Em primeiro lugar, pois que os tecidos irritados se acham congestos; condição esta, sem a qual não se daria a irritação, nem poderia mesmo ser concebida, é evidentemente falso que elles se movam com mais precipitação do que no estado normal (*ipso facto*); e pois que elles não se podem mover com essa pretendida precipitação, e pelo contrario se embarça a funcção molecular, ou intersticial dos tecidos assim affectados, o que se deve seguir em boa logica? Sem duvida que a funcção organica soffra o mesmo embarço em seu movimento. É ao menos assim que o estado morbido em geral foi sempre entendido, como se collige de uma definição d'este estado dada á pouco mais ou menos dous séculos por Sennerto, o qual não pretendeo exprimir senão uma verdade de senso commum n'estes termos « *Qua propter morbus rectissimè per impotentiam naturales actiones exercendi definitur; et consentiunt in eo omnes homines, quòd sicut ii, qui ad agendum ea,*

*que sunt, sani dicuntur: ita illi recti agri appellantur, qui ad actiones has obeundas inepti sunt (Semerti opera omnia, t. 1º, pag. 346 de morbi natura). »*

Em segundo lugar, dizer que « os tecidos chamam os fluidos em virtude de afinidades » é entregar-se ao mais grosseiro ontologismo; porquanto as forças de afinidade não são mais do que uma condição de certa disposição physica das partes em que este phenomeno se passa, disposição posta em jogo pelo *phusis enormon* de Hippocrates, *impetum faciens*, que nós não conhecemos na natureza real das cousas; e jámais poderiam constituir uma condição do estado pathologico. Alem disso « o augmento d'intensidade da vida » é falso porisso que, como acima deixamos provado, esta vida então (durante o estado morbido) não se manifesta senão por phenomenos de embaraço, que a tornam duvidosa, imperfeita, e sobre tudo impotente. Quanto ao « estabelecer-se erecções vitaes morbidas »; se fosse possível obtermos um commento ácerca das taes erecções... nós o pediríamos... Concebemos bem que é facil perceber-se a turgencia dos tecidos de qualquer orgão, quando os seus fluidos se acham estagnados em vasos, cuja *integridade seja duvidosa*; mas as taes erecções!... Distinguir-se-hão ellas? Responda o augur. As mudanças, que então se observam na maneira de ser dos nossos tecidos são patentes; mas será bem evidente, será rigorosamente certo que « a primeira e principal consiste no estado inflammatorio? » Poderíamos ao menos duvidar em favor do author, se elle não tivesse tão categoricamente provado que *muitas vezes* a irritação, isto é, a congestão dos tecidos resulta de causas, que actuam debilitando a excitabilidade; phenomeno que elle considera o principal da vida. N'este ultimo caso tem-se a *hyperemia asthenica*, cujos caracteres foram bem descriptos por Andral. E como a excitabilidade não se manifesta á Broussais, senão pela contractilidade que elle toma muitas vezes como o prototypo da acção vital, quando lhe convem uma lingoagem mais sensual; resulta, segundo elle, que onde os phenomenos da vida teem crescido de intensidade, a *contractilidade* o é necessariamente tambem; e que a irritação, que não é senão uma congestão, se acha em sua logica convertida em erecção, representando um excesso de contractilidade. No meio de tantas e taes concepções, procure-se de novo a ideia do estado morbido em seu estado primitivo!!! Parece-nos pois certo, parece-nos demonstrado, que a doutrina fundada na irritação (entendido este phenomeno como quer Broussais), não nos dá uma ideia completa da enfermidade em geral. Mas pede a justiça reconhecer-se que as demonstrações feitas por esta doutrina ácerca do estado material dos tecidos enfermos desinvolveram nas sciencias medicas ideias mais importantes, e mais positivas do que as que haviam sido apresentadas pela maior parte dos systemas antigos; ideias, cujos elementos tinham sido dados por Bichat e Pinel, e que serviram para tornar racional o emprego empirico das emissões sanguineas locaes ou geraes, assim como todo o tratamento antiphlogistico. Consultemos o empirismo.

## DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO O EMPIRISMO.

Buscar o curativo do estado morbido, não applicando as leis conhecidas na sciencia aos factos para, mediante a sua luz, interpretal-os bem, mas guiando-se unicamente pelos resultados immediatos das provas tentadas sobre o organismo em suas diversas enfermidades com os diversos agentes medicamentosos, tal é o trilho que segue o empirismo em sua pratica; a sua feição característica.

Nasceo pois a seita dos empiricos da experiencia immediata, consiste essencialmente em resultados; e tem existido em todos os tempos da medicina. Não é o empirismo um methodo tão simples como á primeira vista parece ser: não achamos com effeito que seja muito simples averiguar phenomenos morbidos, apreciar suas analogias, ou suas differenças, e calcular os resultados do emprego dos medicamentos em casos analogos. Este trabalho imperiosamente exige a intervenção do raciocinio; n'elle, permitta-se-nos a expressão, consiste uma boa dose do que se deve entender por philosophia medica. É pois tão falsa, quanto injusta a imputação feita ao empirismo, de que elle não passa de um esteril carril aberto nos campos da medicina; imputação que talvez não tenha por apoio senão o simples dicto de Bacon ácerca dos empiricos « *Formicæ more cogerunt tantùm, et utuntur.* » Não merece por consequencia o ridiculo que se lhe tem lançado.

É verdade que a seita empirica nunca nos esclareceo ácerca do estado morbido; mas quando se reflecta, que a sua essencia é antes therapeutica do que nosologica, não se poderá com justiça anathematisal-a por não se ter occupado particularmente da essencia d'aquelle estado. E ainda que seja o empirismo defeituoso por nos não dar do estado em questão um conhecimento cabal, e tão pouco dos meios de cural-o, é comtudo o empirismo uma das vias, que jámais se devem fechar ao passo do medico, quando se trata da therapeutica em certos casos desesperados... Quantas vezes ao empirismo se tem devido a salvação de moribundos?... Quantas vezes com vantagem tem a medicina classica cedido o passo á aquelle systema de curativo? Não somos nós quem isto dizemos. São os factos que se passam sob nossas vistas. É a historia da clinica medica quem nos proclama esta verdade de sobre a solida base dos factos. Agentes therapeuticos, aliás contra-indicados por todas as leis estabelecidas em medicina, mais de uma vez tem obtido brilhantes triumphos, e em casos bem criticos!

Deve pois cessar de uma vez para sempre o infundado boato » de que os empiricos, por isso que só se decidem segundo os resultados immediatos da experiencia, e não pelo conhecimento das leis da organisação, obram sem principios de natureza alguma, e sem raciocinio ». Mas quando mesmo o empirismo não tivesse em favor de sua conservação na sciencia as razoes expostas, bastar-lhe-hia, para que não o expulsassemos da sciencia, a sua bem entendida modestia... modestia sem duvida mais accorde, mais consentanea com o bom senso do que a philaucia ostentada

pela medicina classica, que acreditando possuir no complexo de suas leis o conhecimento cabal de nossa organisação d'ali se não arreda, e antes quer acompanhar o doente até ao tumulto, afferrada sempre ao jugo do systema, do que transigir um só momento com o empirismo, no que se deshonrara!... Como se a materia medica, a physiologia, a anatomia, e a chimica organica ja tenham chegado ao supra summum da perfeição!... Ao menos o empirismo se mostra mais intelligente, por quanto praticamente reconhece uma importante verdade, e é que as leis da organisação não se acham de todo descobertas, que consequentemente o systema de leis, que na actualidade possui a sciencia, não pôde ter chegado á aquelle grão de perfeição; unico que lhe daria jus de per sí só orientar o medico em seus trabalhos clinicos! Nós não queremos dizer, que o empirismo é tudo. Seria isso extrema, incuravel miopia de nossa parte. Reconhecemos pelo contrario sua extrema inferioridade á bem entendida philosophia medica, que se encerra já em grande dôse na medicina classica. Mas o que é, e donde emana essa philosophia? Se não são mais (como piamente acreditamos) dô que deducções da physiologia, da chimica organica, da anatomia pathologica, e physiologica, e da materia medica, por certo que essa philosophia ainda não existe actualmente toda na sciencia. Parte de suas verdades ainda se acham occultas na natureza, onde o medico philosopho terá forçosamente de ir buscá-las para completá-las. Queremos pois, que a medicina classica desça somente um pouco de seu orgulho, e reconhecendo que ainda não se acha no summo grão de perfeição transija até certo ponto, e em certos casos com o empirismo; que aguarde o tempo, e as ultiores descobertas que se fizerem n'aquellas sciencias. Sômente então poderá prescindir do auxilio do empirismo, e só com o seu systema fará todos os milagres possiveis. Encha-se então de todo o orgulho, que já hoje tanto e tão extemporaneamente a caracteriza. Nós somos o primeiro a reconhecer a impossibilidade de aceitar-se, e seguir-se em medicina o empirismo puro. Aqui nos cumpre observar que não foi sem grande surpresa que vimos em uma memoria ácerca do empirismo, e das theorias, collocado Hippocrates entre os empiricos, Hippocrates! que não mereceo o nome de pae da medicina senão por ter sido (como vimos e é geralmente sabido) o primeiro que reduzio á leis os factos simplesmente observados pelo empirismo de seu seculo, fecundando-os com a força de seu genio!... Ora, que Hippocrates (como todos os seus successores) em *alguns casos* se aproveitasse do auxilio da seita empirica, é muito de crer, e nem isso seria razão bastante para ser tido como empirico; pois que a sê-lo, ainda não appareceo na sciencia medica um genio, por maior que fosse, que se não tenha curvado mais ou menos ao empirismo, e por consequencia que não haja sido empirico; entretanto a historia não os baptisa com esse nome. O livro dos aphorismos é a razão a mais forte que se poderia oppôr á aquella impufação; ella porem é tão destituida de fundamento, tão falsa, que não nos merece nem mais um instante de attenção. Quanto ao estado morbido, segundo

o empirismo, só temos á dizer que o empirico vê, como outro qualquer observador, esse estado no desarranjo da harmonia das funções vitaes, que constituem a vida, e a saúde; elle vê tambem se esta desordem existe com, ou sem alteração material; explora mesmo as modificações que offerecem os fluidos *susceptíveis de serem observados* durante as enfermidades: eis no que se cifra a noção de enfermidade, segundo o empirico. E podera ser outra á vista de sua maneira de proceder? O medico classico porem que tem do organismo, e de suas leis, não completo conhecimento, porque a experiencia, e a observação continuam á descobrir, verdades mas muito mais extenso, e profundo do que elle, estabelece sobre a primeira noção sensitiva uma inducção, cujos diversos termos não são senão productos de sua intelligencia; resultados que per si sós não modificam, é verdade, o estado morbido, pois que em medicina como em sciencia alguma nada se faz por inspiração do Espirito Santo, mas que servem de base, e indicam a therapeutica conveniente. Entretanto uma verdade repetil-o-hemos, deve ser gravada em nossa intelligencia, quando quizermos julgar do empirismo; é que a therapeutica teve nelle sua origem, e que elle he hum elemento primitivo, e quem sabe se perpetuo da pathologia, e sobre tudo da therapeutica.

#### DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO A ANATOMIA PATHOLOGICA.

Com quanto desde os primitivos tempos da medicina se tenha dirigido mais ou menos a observação sobre os nossos tecidos enfermos, mesmo quando o estado morbido foi quasi considerado um modo do espirito; e se tenha alguma cousa attentado para a sua alteração; parece com tudo evidente, que a verdadeira anatomia pathologica data do tempo em que, não contente o espirito do medico com a alteração dos tecidos apparentes, o habito contrario de procurar por meio do escalpello nos tecidos interiores de nossa organisação, e particularmente em nossas visceras, a explicação dos phenomenos pathologicos observados durante a vida. Seja porem qual for a idade genuina da anatomia pathologica, sondemos em sua essencia a ideia do estado morbido.

E' claro, que, se as molestias começassem sempre por lesões *apreciaveis*, bastara a anatomia pathologica para, per si só, nos dar ácerca d'aquelle estado uma ideia perfeita; mas não se ignora que nem sempre se gera a enfermidade sob nossas vistas. Salvo o caso em que provêm de um agente, cuja acção se passa sob os nossos sentidos, toda a modificação dos tecidos constituindo o estado morbido é para nós um resultado secundario, um resultado, permitta-se-nos dizer, de resultado. E que dados nos pôde ministrar um mero resultado ácerca do mecanismo pelo qual começou *ab ovo* a enfermidade, e seguio até a epocha em que a examinamos? A excepção por exemplo do caso em que a lesão é o effeito de uma causa vulnerante, quem sabe, quem pôde asseverar ainda mesmo em frente dos vestigios deixados no cadaver que esta molestia é primitiva, e que aquella é secundaria? E, o que mais é, a etiologia bem ponderada

e bem comprehendida nos adverte de que a alteração é *complexa* ainda que a *causa* seja *simples*. As noções portanto deduzidas da anatomia pathologica ácerca do estado morbido, posto que assás interessantes, e de sobejo valor pela evidencia de seus fundamentos, posto que mesmo indispensaveis ao diagnostico, não podem todavia per si sós fazer-nos conceber o estado pathologico de uma maneira cabal. Exemplifiquemos a questão, sem sahirnos do circulo em que se acham as molestias denominadas segundo o espirito da anatomia pathologica, isto é, as que derivam seus nomes dos órgãos lesados. Seja a hepatite a molestia de nosso exemplo... Qual é a ideia que de si grava no espirito do medico a hepatite? A ideia sem duvida de uma molestia inflammatoria do figado. Sabemos que esta viscera se acha lesada; mas em que consiste essa lesão? Será ella primitivamente local, e influindo consecutivamente sobre o resto do organismo? Ou este em sua generalidade lesado ven-o á ser de uma maneira mais intensa nos elementos que constituem o figado? A anatomia pathologica não póde per si só resolver-nos estas questões? E' pois necessario que para outra qualquer fonte se dirija nossa intelligencia em taes averiguações. Debalde com effeito apresentaria esta parte da medicina o seu funebre archote aos olhos do observador; nem uma luz lhe emitira, se o pratico, antes de consultar o cadaver, não houvesse observado com escrupulosa attenção os phenomenos morbidos, que se tivessem succedido n'esse cadaver quando animado. Isto posto, o que naturalmente se segue? Sem duvida que a anatomia pathologica nos não offerece senão noções—complementares—do estado morbido. Não fecharemos este artigo sem observar, que, com quanto as indagações *necroscopicas* tenham poderosamente contribuido, e continuem felizmente a contribuir para cercar de toda a luz possivel a certeza medica, ou a verdade do diagnostico, e da therapeutica, com tudo não subirá essa certeza ao maximo de sua perfeição senão depois que a chimica houver feito positivamente conhecer a alteração, que experimentam os nossos fluidos nas diversas enfermidades.

#### DO ESTADO MORBIDO SEGUNDO A HOMŒOPATHIA.

Quando do seio da observação e da experiencia tirava com mais sofreguidão a medicina o leite unico capaz de dar-lhe a robustez conveniente, na epocha em que o medico critico abatia os antigos systemas, que já tendo prestado á sciencia o seu contingente, não fariam, continuando, senão embaraçar-lhe o passo na nova, e gloriosa senda que diante d'ella se abria, quando ganhava a medicina aquella ascendencia, que á mais tempo devera ter caracterisado a sciencia do homem enfermo, um parto se effectuava na Allemanha, na imaginação do celebre Hahnemann, parto que não tardou á ser julgado pelo seu author digno das honras de representar entre os systemas medicos..... não dissemos bem!.. parto  «primeiro e unico desideratum da philosophia, e da sciencia!»  e homœopathia foi o nome que recebeu o extraordinario recém-nascido.

Este systema, segundo alguns, expatriado com sobeja justiça, segundo outros, o primeiro, e unico que attingio « o grande desideratum da philosophia, e da sciencia; » e, segundo uma terceira opinão, contendo em seo seio algumas verdades, porem mal coordenadas, e em mistura com o mais grosseiro ontologismo, vai ser por nós fielmente exposto em seus principios cardeas.

Com quanto partilhemos ácerca da doutrina homœopathica aquella primeira opinão, não entraremos todavia em considerações particulares senão ácerca da parte que diz respeito á ideia do estado morbido. O ser esta a unica tarefa de que nos fizemos cargo é a razão porque assim obramos; alem de que ja vai sobremaneira longo o corpo de nossa dissertação.

Profundamente gravado em seu espirito o principio de que uma mesma substancia não pôde achar-se simultaneamente sujeita á dous modos semelhantes, Hahnemann desce ao organismo humano, e n'elle não vendo mais do que uma das muitas peças de que se compõe o universo, em cujo seio se encerra aquella eterna verdade, procura fazer-lhe applicação d'aquelle principio. Philosophico impulso, honrosa e exemplar conducta foi sem duvida a de Hahnemann, se em tal occasião o animou o philantropico desejo de alliviar a especie humana dos seus soffrimentos? Não he isso o que dizem de Hahnemann fragmentos historicos; mas ácerca de suas intenções parece-nos prudente declinar d'aquelle authoridade. Devemos somente observar que sendo aquelle principio de essencia puramente metaphysica, julgamol-o, ipso facto, inapplicavel á natureza phenomenal. Que nas mathematicas, e na metaphysica em que a intelligencia pôde de uma maneira absoluta medir o objecto sobre que trabalha, em que é tudo o abstracto, producto immediato de nossa intelligencia, e que n'ella todo se contem, seja applicavel aquelle principio, assim como outros de igual estôfa, optimamente o concebemos, por isso que ahi se pode apreciar de uma maneira absoluta, se pôde rigorosamente determinar a semelhança, e dessemelhança dos modos; mas sua applicação ao mundo physico, de quem elle é essencialmente heterogeneo, e maximè ao organismo humano vasto e variado, qual é em seus phenomenos, parece-nos uma monstruosidade indigna de uma cabeça intelligente..... Deixemos entretanto aos metaphysicos o direito de reclamar ácerca da usurpação de sua propriedade, e prosigamos na exposição dos pontos cardeas da homœopathia. Era forçoso á Hahnemann, procurando a applicação do principio exposto á nossa economia, ensaiar sobre ella a acção dos diversos modificadores; e para taes ensaios não achou elle occasião mais opportuna do que o estado de saúde, para, comparando as modificações ahi produzidas por elles com as diversas enfermidades conhecidas, verificar a semelhança ou a dessemelhança dos modos organicos, *conditio sine qua* do principio em questao. Com effeito, Hahnemann depois de immensas experiencias (dizem elle, e os seus sectarios) ensaiados no homem são, chegou á convencer-se de que a quina, o fogo, o mercurio, a scylla, o enxofre &c. eram dignos de representar em sua materia medica; porquanto todos esses e outros corpos produziam no organismo são modificações inteira-

mente semelhantes as que radicalmente curavam. Cumpre-nos dizer á este respeito que, se Hahenman assevera ter descoberto pela experiencia n'aquelles modificadores taes propriedades, respeitaveis praticos, e entre elles o celebre Andral dizem absolutamente o contrario; e como a materia, sob este ponto de vista considerada, é toda de facto, só é dado á observação, e á experiencia decidirem á seu respeito; observamos comtudo que uma vez provoda a inapplicabilidade do principio ao mundo physico, e sua incompetencia para regular factos d'este mundo, é rigorosamente forçoso prestar-se credito ás experiencias de Andral, e dos immensos praticos que com elle opinam, cujos nomes desde já exporíamos, se fosse nossa tarefa o exame critico da homœopathia, e não dar-se ouvidos *às experiencias* de Hahnemann. Entretanto aquelle principio applicado á nossa economia, e introduzido em nossa sciencia por Hahnemann foi em virtude das *suas experiencias* reduzido ao *axioma* muito conhecido da homœopathia *similia similibus curantur*. Ora, como semelhante doutrina iguala a cathogoria dos agentes medicamentosos á dos agentes morbificos *nos seus effeitos*, isto é, como todo o medicamento homœopathico não cura senão em virtude de uma molestia que provoca em tudo semelhante á que se trata de remover, era regular que uma denominação commum lhes coubesse, e com effeito *agentes pathogenesicos* foi o nome que receberam os modificadores de acção conhecida na homœopathia; e esta sciencia, ipso facto, tornou-se synonyma de sciencia *pathogenesica*. Mas não consistio sómente n'isso a ideia essencial da concepção de Hahnemann. Faltava o meio de conhecer-se da semelhança das modificações produzidas pelos agentes pathogenesicos aos diversos estados morbidos. Foi nos symptomas que o celebre Allemão encontrou o fanal, que o guiasse em tão *ardua comparação*; é com effeito ali que, segundó elle, se acha exclusivamente a caracteristica d'esta ou d'aquella modificação pathologica.

Duas sós divisões abrangeram todas as molestias, constando a primeira das que elle denomina adynamicas ou medicas, e a segunda das cirurgicas ou instrumentaes. Tambem dividió as molestias em agudas e chronicas: na primeira divisão collocou aquellas, cujos symptomas se manifestam com violencia; na segunda as que marcham lentamente, e não compromettem de proximo a vida. A' tres principios refere Hahnemann a origem das molestias chronicas á psora, á cycoses, e á syphilis, não sendo estas duas senão variedades de um unico elemento (a psora) susceptivel de ser transmittido de um á outro individuo, de pais á filhos, e de se estender á remotas gerações.

Como, segundo esta doutrina, achando-se o organismo pathologicamente modificado é, *i pso facto*, mais susceptivel de novas modificações, o medicamento que se haja de administrar deve ser assaz fraco para se não tornar perigoso: assim é pela escala millesimo-decimal de um grão que se devem regrar as doses, nunca devendo-se empregar uma nova dose, senão quando os effeitos da primeira tenham desaparecido. Outra condição essencial ao bom exito da therapeutica homœopathica cifra-se na simplicidade dos medicamentos; e sob esta vista recommenda a homœopathia, que os ex-

ipientes, intermedios e vehiculos sejam completamente inertes, e que aos medicamentos se não associem substancias activas. Taes são os elementos cardaes, que juntos a outros secundarios, que por brevidade omittimos, constituem a essencia da nosologia, e da therapeutica homœopathica.

Ácerca de sua etiologia encontramos a seguinte proposição. « As causas de nossas molestias não podem ser materiaes; porquanto a menor substancia, ou particula extranha ainda na apparencia innocente, introduzida em os vasos sanguineos, é repellida pelas forças vitaes como se fosse um veneno; e, se o não pôde ser, occasiona a morte. Insinue-se o menor corpusculo em nossas partes sensiveis; que o principio da vida não descançará sem que consiga eliminal-o, provocando dôr, febre, suppuração e gangrena. » Esta proposição tão falsa como repugnante com a therapeutica do mesmo Hahnemann, e com sua pathologia geral é no que se cifra a sua etiologia.

Vejamos porem o que diz Hahnemann em sua pathologia geral acerca do estado morbido. Fundando sobre o grupo dos symptomas a semelhança, e dessemelhança das enfermidades, não pôde Hahnemann fugir á necessidade de estabelecer a ideia essencial d'aquelle estado; não pôde deixar de reconhecer como que a substancia, da qual os symptomas não eram senão modos diversos, e procurando esse *quid* achou-o na *força que rege o organismo*, e no *desvio d'essa força* a ideia essencial do estado morbido. Foi este um dos escolhos em que ainda naufragou o systema de Hahnemann!.. E admira, que o advogado accerrimo da experiencia e da observação, aquelle que tanto anathematisara os que buscavam a verdade medica fóra d'aquellas fontes, fosse o mesmo, que tão grosseira, quanto injustamente menosprezasse as verdades d'ali emanadas, verdades que se acham tão positivamente estabelecidas na sciencia!.. Admira que uma intelligencia que se diz tão subida, qual a de Hahnemann, se mostre possuida de tão extravagante ontologismo.... Sim « diz o celebre Allemão » quando o homem adoce, esta *força espirital* activa per si mesma, e existindo em toda a parte da organização é a primeira que se sente da influencia do agente hostil á vida, e só depois de accordada por esta *percepção* pôde *procurar* ao organismo as sensações desagradaveis que *soffre*, e *leval-o* aos actos insolitos! »

Eis no que inteiramente se cifra a synthese de Hahnemann acerca do estado morbido! Não é o resultado da materia organizada, não é a expressão da vida, não é uma mera fórma (permitta-se-nos a palavra) dessa existencia toda modal, não é isso o que, segundo Hahnemann, se deve entender por força organica; é uma *substancia espirital*, *desviando-se*, *soffrendo*, *percebendo*, *procurando ao organismo sensações desagradaveis*, e *levando-o aos actos insolitos!*... Não é portanto a materia organizada quem se presta á acção dos agentes pathogenesicos, é um *espirito quem tanto soffre!*... E com quanto esta ideia não pertença originalmente á Hahnemann, não seja mais do que uma ridicula caricatura das antigas crenças introduzidas na medicina pelos antigos philosophos, uma publica fórma desse ente da supersti-

ciosa cabeça de Sthal cabe com tudo ao celebre Allemão a *gloria* de tel-a reproduzido, e melhor do que todos entificado!..

Quaes são porem as provas que elle exhibe para demonstração do seu ente? Não as enxergamos. Sabemos sim que nada mais logico, nenhum dever mais sagrado para o reformador de uma sciencia... nem é preciso tanto, para o reformador mesmo de uma simples ideia, do que primeiro que tudo basear *em razões* a ideia que busque plantar em qualquer sciencia, e fazer desde logo seguir á sua demonstração a refutação da que não adopte. Isto sabemos nós ser preceito corrente, e geralmente seguido em todas as sciencias, e em todos os misteres do homem. Ora, dous generos de provas conhecemos nós; as que se deduzem dos factos, e as considerações chamadas philosophicas, que mais não são do que deducções da necessidade, e utilidade de qualquer cousa. E quaes são os factos em que Hahnemann estabelece a existencia real do seu ente? Não os vemos. Onde a necessidade, onde a utilidade de semelhante ente? Não nos apparecem. Pretender por tanto Hahnemann que uma ideia, que joga contra tudo quanto existe solidamente estabelecido na sciencia, não apoiada sobre factos, não justificada por consideração alguma philosophica, só porque aprouve á sua lingua movendo-se articulal-a, capte em seu favor, não ja simplesmente a nossa fé... que muito mais elle exige!.. mas sim a nossa convicção, é suppôr-nos dotados de uma credulidade estúpida... E tanta ousadia em Hahnemann, tanto descaro seo e dos apostolos que o representam, não pôde deixar de arrastar-nos ao mais alto gráo d'indignação!....

Profundamente convicto da existencia do principio de nossa intelligencia, nós não pertencemos á essa abominavel seita de pseudo-philosophos, que só acreditam no que vêem seus olhos, e no que seus ouvidos ouvem; não: inteiramente opposto é o polo para onde marchamos. Sabemos que, alem dos sentidos, de outras duas fontes nos fluem nossos conhecimentos, o raciocinio, e o senso intimo; e foi-nos lição de logica, que para sempre será gravada em o nosso espirito, que algumas vezes pôde a existencia de qualquer cousa ser unicamente descoberta pelos sentidos, mas que jamais a sua essencia o pôde ser senão pelo raciocinio. Quando, animado da verdade de taes principios, entramos no exame d'essa ordem admiravel pela qual se enfiam harmonicamente os phenomenos naturaes, e suas immutaveis leis; quando extendemos nossas vistas pelo vasto e variadissimo Universo de que somos uma pequenina, e imperceptivel parte; quando recolhendo nossas vistas sobre nós mesmos observamos com attenção a ordem admiravel pela qual enfia uma intelligencia subida engenhosissimos raciocinios, deparamos no termo de nossa analyse com essa eterna, e santa verdade apregoadá pelo senso intimo de todos os povos!.. Sim... é então que se descortina diante de nossos olhos a mysteriosa existencia de nosso Grande Creador!..

.....  
 » Então o homem se abate; um suor frio

- » Como o suor que o moribundo cõa  
 » Rega-lhe o corpo inteiro; então su'alma  
 » Como o subtil vapor que o lirio exhala  
 » Ferido pelo raio matutino  
 » Se levanta da terra; então seu corpo  
 » Como um combro de pó desaparece!  
 » Elle está no infinito!.....  
 .....  
 » Aqui para louvar teo Santo Nome  
 » He fraco o peito humano, é fraca a lingua,  
 » He fraca a voz, que titubante hesita  
 » Tão alto remontar, e no ar perder-se,  
 » Antes que de astro em astro repetida  
 » De um Ceo á outro Ceo, de um Anjo á outro  
 » Vá retinir, Senhor, em teus ouvidos  
 » Como discorde o som da rôta lyra!... (1)  
 .....

É no instante em que o homem se abysma respeitoso na ideia de seu Creador vê que d'ahi lhe surge uma outra verdade não menos positiva do que aquella, e igualmente mysteriosa. He sim uma consequencia da existencia de nosso Creador, que não pôde ser senão o author de toda a justiça, a existencia em nós de um principio immortal, que transpondo a corrupção da materia vá responder ante o tribunal do eterno remorso, e do eterno prazer pelos actos de nossa vida!...» Se a intelligencia, diz Herder (2), é o mais nobre presente feito ao homem, á ella pertence traçar a connexão que entre o effeito, e a causa existe, e mesmo advinhal-a quando não se patenteia » Tudo quanto se passa no interior de noss'alma » diz Benjamin Constant » (3) é inexplicavel; e, si vós exigirdes sempre demonstraçoens mathematicas, só negaçõens obtereis. Se o sentimento de Deos é uma loucura porque a prova não o acompanha, loucura será o enthusiasmo, fraqueza a sympathia, e o sacrificio um acto insensato. » Estamos pois convictos da existencia de Deos, e consequentemente da de noss'alma, e julgamos que para florescer, para sua estabilidade e gloria, não precisa a medicina divorciar-se nem da moral, nem da Religiao como o pretende o materialismo moderno.....

Desprezar porem a organisação, não enxergar as lesões que n'ella nos demonstra positivamente a anatomia pathologica, não ver que a secção de um musculo basta para explicar a sua inacção, que uma picada em qualquer parte de nosso corpo,

(1) Do Sr. Domingos J. G. de Magalhães.

(2) Ideias sobre a philosophia da Humanidade por Herder. Tomo 1.º pag. 258.

(3) *De la Religion considerée dans sa source, ses formes, et ses developpemens: T. 1.º pag. 25, edição de 1830,*

maximè em cordões nervosos, é sufficiente para nos despertar a dor, que um kisto no cerebro do homem o mais intelligente é capaz de perturbar, de impossibilitar mesmo o exercicio intellectual; e pelo contrario tudo enxergar em uma substancia *espiritual*, cuja existencia não se funda em factos, nem na necessidade, e ainda menos em utilidade, é certamente a conducta, senão da mais resupina estupidez, do capricho então o mais emperrado! Crear uma substancia *espiritual* para contra ella dirigir *corpos medicamentosos*, sem duvida na esperança de algum successo; conceber que por meio d'esses *corpos* possa esse *espirito* re-locar-se aos seus eixos, é sem duvida alguma um romance bem digno da imaginação de um Allemão (1)

E' Hahnemann, que diz (como vimos) que as causas de nossas molestias não são *materiaes*; que o menor corpusculo introduzido em os vasos sanguineos é repellido pelas forças vitaes como se fosse um veneno, e que o *principio de vida* não descançará sem que consiga eliminal-o provocando a dôr, a febre, a suppuração, e a gangrena! E é o mesmo Hahnemann, que emprega no organismo enfermo como agentes *pathogenesicos*, o mercurio, a belladona, a scylla &c.!! Ou cada um d'estes *corpos* é dotado de um *espirito* particular capaz de obrar, produzindo a molestia semelhante, sem tocar na substancia *espiritual* que rege o organismo, e em *cujo desvio* existe a molestia?!...

Mas... se o celebre Allemão creando essa *força em cujo desvio* enxerga o estado morbido, e materialisando-a de uma maneira tão positiva, pretendeo com isso ridicularisar a crença da existencia de Deos, e de noss'alma, verdades aliás tão altamente proclamadas pela poderosa voz do senso intimo, e tao bem justificadas quer pela necessidade logica, quer pela moral; se Hahnemann quiz com isso provar que assaz facil é a criação de um ente *espiritual*, nada todavia obteve, nem obterá a sua *sagacidade*. Para que pudesse ter obtido auxiliar o materialismo houvera sido necessario que tivesse provado — primò: que a existencia de Deos, e de nossa alma não se baseam na necessidade logica e moral, e tão pouco na utilidade — secundò; que alem dos sentidos nenhum outro meio de investigação existe para o descobrimento das verdades — tertio que a reflexão, ou a cogitação da cogitação é explicavel pelo materialismo — quartò finalmente que a electricidade é a *causa causarum* de todos os phenomenos naturaes, e não um facto dependente de uma explicação. Se Hahnemann não quiz senão imitar o costume dos remadores voltando inteiramente as costas para o materialismo afim de melhor chegar ao *norte desejado*, nada conseguiu, uma vez deixados por provar todos aquelles artigos. E desde o momento em que os  Apostolos de sua doutrina, ferindo aquelles pontos por nós indicados, satisfizerem a nossa exigencia, cederemos de uma vez para sempre de nossas tão caras convicções.

Voltando pois em resumo ao estado morbido, segundo Hahnemann, concluiremos que

(1) Madame de Stael na Historia da Allemanha deixa fora de duvida quanto são vivos de imaginação os Allemães.

oppondo-se o pretendido *desvio da força espirital* (como constituindo esse estado) ao que é demonstrado pela observação cadaverica, e pela maneira por que operam sobre nossa economia os agentes modificadores, quer segundo a opinião do mesmo Hahnemann, quer segundo a fê da allopathia; que não sendo justificado *esse desvio* por consideração alguma philosophica, não existe por tanto senão na imaginação romantica do celebre Allemão.

#### THEORIA DOMINANTE DO ESTADO MORBIDO.

Se, como julgamos, havemos até aqui demonstrado que nenhuma doutrina medica, nenhum systema tem dado do estado morbido uma ideia perfeitamente exacta; deve parecer quasi impossivel que demos uma solução satisfactoria do que se deve entender por aquelle estado. Galeno, Paracelso, Boerhaave, Themison, Selles, Broussais, os empiricos, os *anatomo-pathologos*, e Hahnemann não nos deram do estado em questão senão, alguns, ideias confusas, e outros inexactas, ideias cujos rudimentos se acham no senso-commum e nas obras do pae da medicina; mas todas as doutrinas fundadas no desenvolvimento das principaes opiniões d'aquelles medicos não nos dão por prototypo do estado morbido senão uma *condição* ou do espirito, ou da materia fluida, esolida, ficando á intelligencia o *ad libitum* de conceber o que é esse estado. E' evidente que os chefes de todas as doutrinas formularam suas theorias com paralogismos. O que fica exposto é do que asseveramos uma prova incontestavel. Assim, *suppondo* todos que a enfermidade era assaz conhecida, por que ella é ordinariamente assaz sentida, cada doctrinario não fez mais do que accrescentar *sua opinião* às crenças já admittidas não dando-lhes, como deveram, o simples valor de supposições, mas o de verdades sufficientemente discriminadas e positivamente estabelecidas; e então por habito foi a *opinião* substituida á certeza, quer de observação, quer de sentimento. O estado morbido pois foi considerado, ora como uma aberração da alma, ora como uma alteração dos humores, para huns era um desarranjo na circulação, para outros uma phlegmasia, outros enfim o consideraram uma irritação dos tecidos &c. &c. conforme dirigia o observador a sua intelligencia para o *sentimento*, para o *estado das secreções*, ou para o *dos solidos*; mas cada uma d'estas interpretações, d'estas maneiras de entender o estado morbido, era ordinariamente fundada em vagas induções. Qual d'essas maneiras de considerar o organismo enfermo nos dá da enfermidade uma noção perfeita? Nós vimos com toda a evidencia que nenhuma. E a razão é que esse estado do organismo durante a vida, podendo provir de causas multiplas, que obrem sobre os humores, e os diversos tecidos, e exercendo diversas acções, é evidentemente impossivel que o estado em questão seja tão *simples* como o julgam todas as theorias, que acabamos de expor com suas respectivas doutrinas. E pois, perguntar-nos-hão, como reconhecer o estado morbido, se as noções que possui acerca d'elle a sciencia são algumas falsas, e todas insufficientes? Nós responderemos com o senso-commum de todos os seculos que ha

enfermidade em todo o organismo, em que houver desordem na sensibilidade, no exercicio de uma funcção, na textura de um tecido, e na alteração dos humores; e mais facil será reconhecer-se o estado morbido, se todas estas alterações coexistirem. Taes são as ideias de senso universal, que os medicos de todas as epochas procuraram desenvolver; e da extensão que taes ideias receberam resultaram as diversas theorias. Nenhuma d'ellas define o estado morbido tal qual naturalmente é; somente o descrevem, e as descripções são todas incompletas, porque são fundadas sobre opiniões assaz exclusivas. Quando o espirito se contentava de verificar a enfermidade, segundo a accepção que o senso commum sempre ligou a essa palavra, bastava-lhe notar que havia no corpo humano desarranjo funcional ou material; hoje porem quando se trata de verificar o estado morbido, segundo a accepção que o complexo dos conhecimentos medicos exige que se lhe ligue, sente-se a viva necessidade de indicar todas as differenças, que existem entre o estado de saúde, qual é physiologicamente conhecido, e o estado pathologico em geral com todas as suas respectivas modificações conhecidas.

Vejamos entretanto se actualmente temos do estado em questão ideias mais extensas do que tinham nossos antecessores, e qual a theoria a mais natural possivel d'esse estado.

Nós vimos, examinando as ideias fundamentaes dos diversos systemas medicos, que nenhum d'elles nos offerece da enfermidade em geral uma noção completa; e observámos que esta particularidade proveio de que cada systema, preocupado de uma ideia favorita, tudo quiz explicar pelo desenvolvimento de sua ideia, e dedignou-se de introduzir em sua theoria ácerca do estado morbido as ideias do senso commum, e as da observação de outrem. O que ácerca d'esse estado pertencia ao senso commum foi perpetuamente deixado no vago pela maior parte dos systematicos; é á este respeito que quasi todos deixaram de definir o que se devia entender por molestia. Para ter d'este estado do organismo uma ideia *medica*, cada medico leva ordinariamente suas reminiscencias ás descripções das molestias, que tem estudado, e adoptando, tanto por habito, como por necessidade intellectual, a maneira usual de ver de certos authores celebres é ás theorias admittidas por elles, que presta o pratico sua fé. Elle portanto vem á enxergar em suas observações, não a enfermidade sob um aspecto variavel nos differentes individuos, variedades tão numerosas quanto o são as causas morbificas; elle vê as molestias taes quaes as descrevem os classicos; e taes enfermidades são ordinariamente uma mistura confusa de signaes de desarranjos funcçionaes com uma alteração mais ou menos evidente nos fluidos organicos, e nos solidos. Em todas as doutrinas, e em todas as epochas hão sido os symptomas, que têm dictado a escolha dos medicamentos; medicamentos que (de passagem o diremos) foram todos descobertos pelo empirismo. Ora, o que são os symptomas per si mesmos? Segundo a crença a mais geralmente admittida hoje, elles são a *expressão dos órgãos soffredores*. Mas uma tão vaga definição que luz emite á intelligencia do observador? Ella simplesmente o adverte de que um órgão soffre,

ou exerce mal a sua funcção. Para subir á causa d'este phenomeno, é o medico obrigado á se dar á uma serie de operações intellectuaes, pelas quaes elle se aproxima mais ou menos da verdade conforme a maior ou menor somma de conhecimentos *abstractos*, ou *positivos*. Julgamos ocioso insistir sobre esta ultima consideração; porisso que, se em todas as epochas da arte de curar não se disse que não se chegava ao conhecimento do estado morbido pelas vias de que acabamos de fallar, ao menos isto tem sido *acreditado* e geralmente *sub-entendido* em todas as profissões de fé medica. Não fica menos evidente que os chefes de doutrinas especiaes foram os que menos se submeteram ao jugo da necessidade de regular suas crenças individuaes pelo que já havia em medicina concernente ao senso commum, e de acrescentar á massa de crenças existentes aquellas que resultavam de suas observações particulares. E resultou d'este orgulho, d'este desprezo dos pensamentos geraes, que longe de se augmentar a probabilidade medica ácerca do conhecimento do estado morbido, os systematicos não fizeram senão estreitar o espirito de observação, obrigando-o á não ver senão uma minima serie de phenomenos em qualquer enfermidade, no entanto que ordinariamente os olhos menos habituados a ver descobrem n'essa maneira de ser do corpo umano vivo huma multidão de indicios contradictorios com o estado de saúde, sem todavia contar com o que elles não podem *perceber*. Do que se deve concluir que, se se extraher de qualquer systema de medicina duas ou tres ideias, cujos fundamentos sejam mais ou menos bem estabelecidos, não sobejam ao seu author senão as verdades de senso commum: immensas vezes sua theoria inteira cifra-se somente n'isso, interpretado porem por uma ideia favorita mais que contestavel.

A fallarmos rigorosamente, nenhuma das doutrinas medicas é absolutamente absurda, ainda a de Sthal, ainda a de Hahnemann! mas em razão do direito exclusivo que cada uma se arroga de julgar das outras, e quanto aos motivos porque ellas procuram explicar o estado morbido, pôde se dizer de seus authores o que dizia o celebre J. J. Rousseau dos philosophos » Achei-os todos zombando uns dos outros; e este ultimo me pareceo o unico acerca do qual tinham todos razão » Fugamos porem á ironia... nem é com ella que poderemos chegar á verdade em medicina; e seriamos mal comprehendido, se se pensasse que o fim d'estas reflexões fosse desanimar os observadores da natureza humana soffredora, mostrando-lhes as nuvens que cercam todas as theorias estabelecidas para a explicação do estado morbido em geral. Seriamos ainda mal interpretado, se se pensasse que nosso fim foi demonstrar a impossibilidade de adquirir um conhecimento cabal das enfermidades, e por consequencia a impossibilidade de se achar remedios para as curar, ou pallial-as. O que procurámos demonstrar, não nós, mas os authores que consultámos, o que fica, em nossa opinião, mais que evidente é que se não pôde achar certeza em medicina, senão buscando-a *entre todos os conhecimentos accessorios e essenciaes á esta sciencia*, devendo-se acceitar de cada doutrina o que o senso commum tem por verdadeiro, segundo o testemunho bem entendido da observação, e da experiencia, e submeter-se

as descobertas dos observadores actuaes ao juizo de todos os praticos instruidos ; por isso que em todas as epochas foram, e tẽem sido estes, a quem se tem devido a certeza, a duvida e o absurdo. O progresso das sciencias medicas toma progressivamente uma actividade prodigiosa, e a tendencia a mais manifesta parece consistir em coordenar-se todas as ideias verdadeiras emittidas pelos diversos systematicos, e em servir-se d'ellas colligidas em um feiche, como que de um prisma intellectual, para decompor o estado morbido, e devidamente apreciar suas formas.

Procedendo-se do todo para o particular encontra-se geralmente em todas as molestias alguma das seguintes condições :

Primò—Como lesões chamadas vitæas : *a dor physica, e moral*, que varia segundo as causas que a produzem, e segundo os órgãos, ou tecidos d'órgãos que são affectados ; *a febre* como expressão de uma affecção geral de todo o organismo, ou especialmente de algum órgão ou tecido de órgão, e isto segundo os caracteres, e a maneira de obrar das causas morbificas. Secundò, como lesões physicas : *a hyperemia sthenica, ou asthenica* dos órgãos, sua *hypertrophia* e sua *atrophia* ; *a hyperdiacrinia* variavel segundo o órgão secretor, e tambem segundo as qualidades dos fluidos ; o desenvolvimento de *tecidos accidentaes* ou de corpos extranhos ; *as soluções de continuidade, e os deslocamentos*. Tertiò, como lesões chímicas : *os diversos generos de toxicação, e a reacção dos elementos organicos* uns sobre os outros. D'estes estados morbidos podem-se reunir muitos para constituir as diversas enfermidades que pertencem ao dominio da pathologia ; mas cada uma d'essas condições merece muito particular attenção da parte do medico, que examine qualquer molestia. Seria para desejar que cada um d'estes objectos fosse tratado particularmente, e com a devida perfeição ; objectos que constituem sem duvida os fundamentos essenciaes da pathologia, e que se não acham exarados, como aliás deveram, na philosophia pathologica.

Eis concluida a tarefa que nos impuzemos. Foramos injusto se abrissemos mão da penna sem tributar ao Illm.º Snr. Dr. Valladão o mais vivo reconhecimento pela benignidade com que se dignou aceitar a presidencia de nossa these.

FIM.

# HIPPOCRATIS APHORISMI.

---

## I.

Duobus doloribus simul obortis, non in eodem loco, vehementior obscurat alterum. (Sect. 2.<sup>a</sup> aph. 46.)

## II.

In morbis acutis, extremarum partium frigus, malum. (Sect. 7.<sup>a</sup> aph. 1.)

## III.

In exacerbatione cibum subtrahere oportet; exhibere enim noxium est: et quicumque morbi per periodos exacerbantur, in exacerbationibus subtrahere oportet. (Sect. 1.<sup>a</sup> aph. 11.)

## IV.

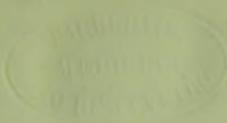
Paulo deterior et potus et cibus jucundior autem eligendus potius, quam meliores quidem sed ingratiore. (Sect. 2.<sup>a</sup> aph. 38.)

## V.

Senes facillimè jejunium ferunt; secundò ætate consistentes, minime adolescentes, omnium minimè pueri; ex his autem, qui inter ipsos sunt alacriores. (Sect. 1.<sup>a</sup> aph. 13.)

## VI.

Morborum acutorum non omninò tutæ sunt prædictiones, neque mortis, neque sanitatis. (Sect. 2.<sup>a</sup> aph. 19.)



—————

Esta these está conforme os Estatutos.      Escóla de Medicina 21 de Novembro  
de 1843.

*Dr. Manoel de Valladão Pimentel.*

## ERRATAS.

---

PAG.	LINHAS.	ERROS.	EMENDAS.
3	27	dominantes	dominantes etc.
4	34	et si	etsi etc.
»	35	peritiæ multum	peritia multum etc.
13	7	Ora isto,	Ora, isto etc.
15	38 e 39	alteração da materia de nossos órgãos	alteração dos solidos etc.
16	39	Qua propter	Quapropter etc.
17	1	quæ sunt sani dicuntur	quæ sunt secundum naturam, apli sunt, sani dicuntur : etc.
»	»	recti	recté etc.
20	8	descobrir, verdades	descobrir verdades, etc.
22	38	ensaiados	ensaiadas etc.
23	6	provoda	provada etc.
31	16	hyperdiacrinia	hyperdiacrisia